

Brasil toma mais US\$ 2 bi no exterior

Lemgruber vai pedir prazo de 16 anos para pagar US\$ 45 bi ao Clube de Paris

Rio — O Brasil necessitará de “dinheiro novo” ainda em 1985. A estimativa do déficit do balanço de pagamento é de US\$ 2 bilhões e, assim, o País precisará obter este valor, sendo certo que o obterá de fontes não bancárias, ou seja, de agências governamentais e na forma de investimentos diretos e crédito de fornecedores, principalmente — declarou o presidente do Banco Central do Brasil, Antônio Carlos Lemgruber, no Fórum Internacional sobre Economia Brasileira, que se encerrou no Hotel Intercontinental.

Acrescentou o presidente do Banco Central que quase a metade da dívida externa do Brasil — cerca de US\$ 45 bilhões — vencerá dentro de cinco a seis anos e que o Brasil vai solicitar

dos credores uma prorrogação do prazo de vencimento para 16 anos:

— Os integrantes do Clube de Paris são credores de cerca de US\$ 5 bilhões do total que vence de cinco a seis anos, mas vamos solicitar àquela entidade uma prorrogação do prazo de vencimento, por 16 anos. Posteriormente também solicitaremos aos credores dos US\$ 40 bilhões uma idêntica prorrogação do prazo para 16 anos”.

Quanto ao acordo geral de renegociação com os 700 bancos credores, disse o presidente do Banco Central que a 14 de fevereiro o Brasil solicitou uma prorrogação de 90 dias e obteve a adesão total. Agora, o País irá solicitar dos 700 bancos uma outra prorrogação do acordo para

mais 90 dias ou seja, até 30 de agosto.

Antônio Carlos Lemgruber assinalou também que não há nenhum estudo visando tabelamento de juros:

— Temos um grande déficit público, mas, para reduzi-lo, não iremos tabelar as taxas de juros. Estamos convencidos até de que, para diminuir as taxas de juros, será necessário primeiramente reduzirmos o déficit. Se há déficit, é porque o Governo gastou mais do que arrecadava. Logo, tem de continuar captando recursos. Não será, portanto, diminuindo as taxas de captação que iremos reduzir o déficit. Temos, sim, é de gastar menos e arrecadar mais. Assim é que se opera a redução de déficit. Depois de alcançar

essa meta, que é prioritária, é que estaremos em condições de solucionar o problema das altas taxas de juros que, é claro, também é grave. Porém, mesmo assim, só pode ser solucionado depois que reduzirmos o déficit, batalha em que estamos todos engajados. Note-se, aliás, que as taxas nominais de juros já estão caindo há dois meses.

O presidente do Banco Central afirmou que a inflação só cairá “de forma permanente” quando houver adequado controle fiscal:

— Estamos visando alcançar o aperfeiçoamento do controle fiscal. E aproveito para assinalar que a antiga forma de calcular a correção monetária — em boa hora substituída por outra, mais adequada — em nada contribuía para o controle fiscal”.



Lemgruber